

Docência em saúde: breve reflexão sobre esta prática profissional

Health teaching: reflection about this professional practice

Fabiana Meneghetti Dallacosta

Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC)

Resumo: A profissão de professor exige conhecimentos e habilidades para fundamentar sua prática. Estes conhecimentos e habilidades são incorporados na medida em que o docente vai desenvolvendo sua carreira, na experiência do dia a dia, na exposição às tarefas de ensino e aprendizagem. Este estudo de revisão fundamenta-se em elementos que capacitam o profissional da saúde para o exercício da docência. A formação do professor também depende de constante atualização e de incentivo da instituição que o emprega, que deve se associar na responsabilidade pelo aprimoramento deste docente. Análise da literatura permite sugerir a premissa de que a docência na área da saúde só se concretiza com a formação de indivíduos aptos a atuarem em todas as dimensões do cuidado, pessoal, social e político e, para isso, faz-se necessária a adequada formação pedagógica do docente.

Palavras-chave: Professor. Educação Médica. Carreira. Capacitação profissional.

Abstract: The teaching profession requires knowledge and skills to support their practice. These skills and knowledge are embedded in that the teacher will learn during his career, in the experience of everyday life, and in the exposure to the tasks of teaching and learning. This systematic review is based on elements that enable health professionals to the teaching profession. Teacher education also depends on constant updating and encourage by the institution that employs him, which should be associated in responsibility for improving this faculty. Analysis of the literature suggests the premise that teaching in health only materializes with the formation of individuals able to act in all dimensions of care, personal, social and political, and it is necessary to appropriate pedagogical training the teacher.

Key words: Faculty. Undergraduate Medical Education. Carrer. Professional training

Introdução

A formação do professor universitário requer tempo e dedicação para a aquisição de competências, que são a soma de conhecimento e habilidades essenciais em sala de aula, como relacionamento pessoal, didática, oratória, formas de avaliação, técnicas de ensino e domínio das atividades administrativas inerentes à função de professor. Não podem ser negligenciados os domínios administrativos do professor, como preenchimento de diários de classe, elaboração de treinamentos, coordenação de reuniões e grupos de estudo, atividades essas que não são discutidas na graduação da área da saúde, já que, via de regra, não são cursos de licenciatura os mais disponíveis e frequentados pelos futuros professores.

Os profissionais que optam pela carreira acadêmica necessitam de competências que vão sendo construídas e aperfeiçoadas com o passar do tempo, na atividade como professor e com cursos, especializações e pós-graduação, especialmente mestrado e doutorado. As instituições, por sua vez, também têm a obrigação de contribuir para essa formação, já que a boa atuação do docente reflete em alunos bem formados e valorização da escola.

Diante disso, questiona-se se é necessário que o professor universitário da área da saúde tenha melhor formação e preparo pedagógico ou se esses saberes são dispensáveis para a boa atuação em sala de aula. Parece haver uma convicção de que, na área da saúde, a boa prática docente está ligada intimamente à boa prática profissional, o que nem sempre é verdade. Este ensaio crítico discute aspectos relativos à docência universitária em saúde, quanto há necessidade de formação pedagógica para melhorar o processo ensino-aprendizagem.

As Funções do Professor

Muito se tem estudado e debatido nos meios acadêmicos sobre as reais funções e obrigações do professor universitário. É preciso quebrar paradigmas e tentar tornar a sala de aula um ambiente de construção do

conhecimento e, acima de tudo, um espaço de diálogo, no qual professor e aluno interagem, discutem, aprendem e ensinam mutuamente (CASTANHO S; CASTANHO M, 2001, CIMADON, 2008). Tornar-se esse professor dinâmico e mediador do conhecimento exige competências de ensino que precisam ser aprendidas através de capacitação para a docência na educação superior. Apenas recentemente houve maior conscientização da necessidade desta capacitação, com o entendimento de que, para ser um professor universitário, não basta o diploma de bacharel, mestre ou doutor, é preciso competência pedagógica (PIMENTA; ANASTASIOU, 2002).

Esse conhecimento faz-se necessário para auxiliar na elaboração e condução das aulas e outras atividades próprias da docência, pois é sabido que as atividades do professor universitário são inúmeras e suas responsabilidades cada vez maiores. Espera-se do professor que possua competências para o manejo dos aparatos eletrônicos, pesquisa, criação e recreação do conhecimento, inovação das práticas e, em especial, mantenha formação permanente (DEMO, 1994). Botomé (1996, p.28) vai além, e refere que:

[...] um professor de universidade [...] precisa ser um múltiplo profissional. Ele precisa ser um **técnico e especialista** em um campo de trabalho [...] mas ele também precisa ser competente para ser um **pesquisador ou cientista** em uma área do conhecimento. Já são duas profissões, mas as exigências ainda são maiores. Ele também precisa ser um **professor de nível superior** capaz de ensinar e preparar profissionais para realizar as tarefas mais exigentes e complexas da sociedade. E além disso, ele ainda precisa estar apto a ser **administrador** [...] na administração de departamentos acadêmicos, coordenações de curso, orientações de pesquisa, etc[...]. E sem esquecer que, em tudo isso, ele ainda precisa ser um razoável **escritor**[...] (grifos do autor).

Para dominar o processo de ensino-aprendizagem é preciso educação permanente. Professor e aluno devem compreender e assumir que são sujeitos de um processo de aprendizagem. O aluno deve assumir-se como parte atuante deste processo, alguém corresponsável pela sua formação e não só esperar que o professor 'lhe passe' os conteúdos 'mastigados', e assim já desprovidos do sabor e da suculência que

permeiam a construção do conhecimento, pois dificilmente o aluno aprenderá somente ouvindo o professor (MASETTO, 2009).

Para que isto ocorra, o professor deve adotar a postura de mediador desse processo, alguém que ajuda o aluno na busca do conhecimento ensina o aluno a pesquisar e a procurar respostas, mostra o caminho e o percorre junto com o aluno. Assim, revê sua prática constantemente, melhora suas metodologias e reformula suas atitudes. Se professor e aluno saem diferentes da aula em relação a como entraram, então a aula valeu a pena.

É preciso que o professor reflita sobre sua prática docente constantemente e encontre os melhores mecanismos para passar o conhecimento que possui, revisitando suas teorias e concepções periodicamente e convidando o aluno para criticamente analisá-las. Ajudar o aluno a buscar informações, compreendê-las, analisá-las, incentivá-los a observar, interpretar e aplicar os conhecimentos às necessidades reais da comunidade em que está inserido compreendem algumas das obrigações pedagógicas do docente na atualidade. O conhecimento está em constante mudança, nunca estagnado. Na área da saúde, mais do que qualquer outra área, novos diagnósticos e tratamentos estão sendo descobertos a todo momento. Então como educar para a atuação em saúde, senão mudando e atualizando constantemente também os processos educacionais?

A literatura sobre as funções do docente é vasta e parece haver um consenso entre as instituições de que o bom professor universitário é aquele que pesquisa e publica bastante. Os aspectos práticos da atividade dentro da sala de aula ficam em segundo plano e a didática é pouco valorizada. Ocorre que, para muitos profissionais da saúde, a carreira de professor é vista como secundária e, portanto, não recebe adequada dedicação. Toda instituição espera formar excelentes profissionais, mas como formá-los sem antes formar seus professores adequadamente para que exerçam com afinco as atividades inerentes à docência? Não se trata aqui de menosprezar a importância da pesquisa, mas sim, de ratificar que, na educação, é indissociável o ensino e a pesquisa.

A Formação Docente na Área da Saúde

Pode-se remeter ao significado de duas palavras que apesar de muito utilizadas em diálogos do dia a dia, não têm dimensionados os reais sentidos. O que significa ser *profissional* ou ser *amador*? “Profissional é quem coloca em prática um determinado trabalho, tendo ‘pleno’ conhecimento e consciência do que faz; amador não conhece, por dentro, o trabalho que realiza, faz não porque realmente sabe ou tem consciência do que faz, mas faz porque gosta, interessa-se e quer” (MEDEIROS, 2007). Na docência em saúde qual o termo que melhor se aplica ao professor?

De modo geral, os professores da saúde que optam pela docência carregam uma forte carga de amadorismo e autodidatismo. Iniciam a carreira docente sem grande preparo e pouca ou nenhuma formação pedagógica. Os critérios de seleção normalmente priorizam a competência técnico-científica, que é essencial sem dúvida, mas sozinha não é suficiente para garantir que o processo de ensino e aprendizagem ocorra dentro da sala de aula. Quem nunca ouviu a frase “é ótimo profissional e tem conhecimento, mas não sabe ensinar”!

E onde, afinal, se aprende a ensinar? Geralmente atribui-se à pós-graduação a responsabilidade de preparar os docentes através de disciplinas como Metodologia do Ensino Superior e Didática. No entanto, estes espaços, geralmente com carga horária reduzida, não conseguem dar conta da adequada formação do professor (RODRIGUES; MENDES SOBRINHO, 2007). É demasiado simplista acreditar que o profissional termina o mestrado ou doutorado totalmente capacitado para o exercício da docência, até mesmo porque esses cursos priorizam a formação para pesquisa e não para a atuação em sala de aula.

Mas como se forma e desenvolve este professor, capacitado e competente para exercer com desenvoltura a docência no cenário da sala de aula? Na área da saúde pode-se dizer que os professores, de modo geral, iniciam a carreira acadêmica sem qualquer preparo formal ou formação pedagógica tornando a prática intuitiva. Normalmente transmitem o conteúdo da mesma forma como lhes foi ensinado, pois não conhecem outra forma de fazê-lo. Dessa forma, o docente vai testando técnicas e métodos em sala de aula e aquelas que funcionam ele torna a repetir nos semestres posteriores. Assim, o professor vai desenvolvendo

estratégias de ações sem um saber técnico-científico que o apóie. O aluno fica à mercê deste 'processo pedagógico' e o aprendiz pode ficar comprometido (TARDIFF, 2003).

As instituições, por sua vez, exigem mais do que efetivamente propiciam a seus professores e, ainda que o sucesso da educação dependa do perfil do professor, não fornecem os meios pedagógicos necessários à realização das tarefas. Dão por suposto que os profissionais *são* docentes, desobrigando-se de contribuir para *torná-los* docentes. Supõem que se são bons profissionais, devem saber ensinar. Isso leva à prática didática na qual ensinar é tão somente transferir conhecimento. Os professores que se interessam por novas metodologias, precisam perceber a necessidade e, então, buscar por seus próprios meios o desenvolvimento de competências para a boa prática docente, sendo que amiúde este movimento não leva ao maior reconhecimento formal, ou aumento de remuneração (PIMENTA; ANASTASIOU, 2002; BENEVIDES-PEREIRA, YAMASHITA, TAKAHASHI, 2010; GASPARINI, BARRETO, ASSUNÇÃO, 2005).

A questão é: até que ponto ter uma formação pedagógica pode influenciar na atuação em sala de aula? Certamente existem excelentes professores que não têm formação na área da educação, mas essa formação poderia acrescentar conhecimentos e habilidades que só viriam a auxiliar no processo de ensino-aprendizagem, então intuitivo. Até recentemente, bastava ter diploma de curso superior para estar qualificado para as atividades de docência, pois se acreditava que um profissional bem-sucedido saberia ensinar, até mesmo porque o foco das universidades brasileiras é formar profissionais (MASETTO, 1998; RODRIGUES, MENDES SOBRINHO, 2007). Atualmente, a maioria das instituições procura profissionais que tenham mestrado ou doutorado, supondo que isto os torna mais competentes enquanto docentes, mas não exigem ou sequer questionam se os professores têm competências profissionais relativas à prática educativa ou aspectos pedagógicos (MACHADO J., MACHADO V., VIEIRA, 2011).

Dentre as competências esperadas do professor universitário, algumas somente serão desenvolvidas com adequado e formal preparo, em cursos/aperfeiçoamentos/especializações da área da educação, a exemplo dos quatro eixos do processo ensino-aprendizagem: o conceito de

ensinar e aprender; a organização e gestão do currículo; a compreensão dos aspectos da relação professor-aluno e aluno-aluno; e o domínio dos aspectos básicos teóricos e práticos da tecnologia educacional. Na área da saúde, ainda, além de atender a essas demandas educacionais, o professor deve formar o aluno para que atenda às necessidades de saúde da população, reconhecendo que existe uma relação entre ensino, aprendizagem e assistência (PERIM, ABDALLA, AGUILAR-DA-SILVA, 2009; GOMES et al, 2006; RODRIGUES, MENDES SOBRINHO, 2007).

Todas essas qualidades, porém, não se encontram reunidas num profissional, ou pelo menos, levam tempo para serem construídas. Não há tempo ou processo de formação continuada estabelecido nas universidades para tal construção; dessa forma, o professor, além da sua carga horária 'intra' sala de aula (a aula propriamente dita) e 'extra' sala de aula (preparação e correção de aulas, provas, trabalhos), também precisa dedicar-se a buscar esses conhecimentos e habilidades para tornar-se um profissional universitário de sucesso (VASCONCELOS, AMORIN, 2008). Sabe-se que o fato de ser aluno por muitos anos, de frequentar salas de aula durante muito tempo, não é bastante para a metamorfose e o surgimento de um professor.

Há de se considerar, porém, quais os diferentes motivos que levam um profissional da área da saúde a ingressar na docência: prestígio na profissão, prestação de favor, complemento de salário, 'bico', etc., e quantos optam pela carreira de professor universitário por convicção, paixão, vocação? Para muitos profissionais da saúde, a docência é considerada uma profissão secundária, ou semiprofissão e os motivos de escolha pela docência podem influenciar significativamente a busca ou não pela formação pedagógica (DEMO, 1994). Espera-se deste profissional que goste da sala de aula, do contato com os alunos e das tarefas da educação, mas, acima de tudo, que se conscientize que ser professor universitário implica responsabilidades e práticas que aliem competências técnicas, científicas, éticas e políticas (ARAÚJO, BATISTA, GERAB, 2011).

De modo geral, em saúde, o docente é gerado sem experiência prévia no ensino superior e sem conhecimento nas áreas de ciências humanas e sociais, o que o leva a alocar sua *práxis* educativa desarticulada do processo educativo (VASCONCELOS, AMORIN, 2008; GOMES,

SILVA, MOURISCO et al, 2006). A primeira opção não é, via de regra, pela docência, talvez isso explique porque muitos profissionais não se veem como professores e não se dizem docentes. São médicos, enfermeiros, odontólogos, e dificilmente acrescentam 'e professor' (MEDEIROS, 2007). Muitos inclusive, não se dizem professores, talvez porque o título de professor é socialmente pouco valorizado (PIMENTA, ANASTASIOU, 2002; RODRIGUES, MENDES SOBRINHO, 2007).

O profissional que abraça a atividade docente, ao fazê-lo por vocação ou por opção, deveria assumir todas as atribuições que esta profissão exige, comprometendo-se e buscando conhecimentos e habilidades que o tornarão um bom professor, capaz de conduzir a complexa dinâmica do ensino-aprendizagem com destreza e desenvoltura.

Conclusão

Nascer sabendo é uma limitação porque obriga a apenas repetir e, nunca, criar, inovar, refazer, modificar (CORTELLA, 2009). Observa-se que o professor não nasce pronto, mas pode ser formado e desenvolver-se com a realização de pós-graduação, estudos, formação pedagógica, e outros instrumentos que contribuem com sua didática e sua relação em sala de aula. As instituições, por sua vez, têm a responsabilidade e precisam ter o compromisso de assumir essa formação docente e contribuir para tornar esse professor mais bem preparado para a docência, já que o objetivo final é melhorar o ambiente de sala de aula. Deve oportunizar acesso às diferentes técnicas de ensino, promover o debate e a visão crítica dos alunos, além de explorar a dimensão ética e política da formação em saúde. Estes elementos capacitam o profissional de saúde para o exercício da docência.

Referências:

ARAÚJO, Erica Chaves; BATISTA, Sylvia Helena; GERAB, Irani Ferreira. A produção científica sobre docência em saúde: um estudo em periódicos nacionais. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v.35, n. 4, p. 486-492, 2011.

- BENEVIDES-PEREIRA, Ana Maria Teresa; YAMASHITA, Danielle; TAKAHASHI, Rogério M. **E os educadores como estão?** REMPEC - Ensino, Saúde e Ambiente, v.3, n 3, p.151-170, 2010.
- BOTOMÉ, Silvio Paulo. **Pesquisa alienada e ensino alienante: o equívoco da extensão universitária.** Petrópolis: Vozes, 1996.
- CASTANHO, Sergio; CASTANHO, Maria Eugênia (org). **Temas e Textos em Metodologia do Ensino Superior.** 3.ed. Campinas: Papirus, 2001.
- CIMADON, Aristides. **Ensino e Aprendizagem na Universidade - um roteiro de estudo.** 3. ed. Joaçaba: Unoesc, 2008.
- CORTELLA, Mario Sergio. **Não nascemos prontos. Provocações filosóficas.** 9. ed. Petrópolis, RJ:Vozes, 2009.
- DEMO, Pedro. **Educação e Qualidade.** Campinas, São Paulo: Papirus, 1994.
- GASPARINI, Sandra Maria; BARRETO, Sandhi Maria; ASSUNÇÃO, Ada Ávila. **O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde.** Educação e Pesquisa, v. 31, n. 2, p. 189-199, 2005.
- GOMES, Antonio Rui; SILVA, Maria João; MOURISCO, Salomé; MOTA, Alfredo; MONTENEGRO, Nuno. Problemas e desafios no exercício da atividade docente: um estudo sobre o estresse, burnout, saúde física e satisfação profissional em professores do 3º ciclo e ensino secundário. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 19, p. 67-93, 2006.
- MACHADO, José Lúcio Martins; MACHADO, Valéria Menezes; VIEIRA, Joaquim Edson. Formação e seleção de docentes para currículos inovadores na graduação em saúde. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 35, n. 3, p. 326-333, 2011.
- MASETTO, Marcos Tarciso (org). **Docência na Universidade.** 5. ed. Campinas: Papirus, 1998.
- MASETTO, Marcos Tarciso. Formação pedagógica dos docentes do ensino superior. **Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Administração**, v.1, n2, p.04-25, 2009.
- MEDEIROS, Arilene Maria Soares. Docência no ensino superior: dilemas contemporâneos. **Revista da Faculdade de Educação** da Universidade Federal da Bahia, v. 12, p. 71-87, 2007.
- PERIM, Gianna Lepre; ABDALLA, Ively Guimarães; AGUILAR-DASILVA, Rinaldo Henrique, et al. Desenvolvimento docente e a formação de médicos. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 33, supl 1, p. 70-82, 2009.
- PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. **Docência no Ensino Superior.** Vol 1. São Paulo: Cortez, 2002.
- RODRIGUES, Malvina Thaís Pacheco; MENDES SOBRINHO, José Augusto de Carvalho. Enfermeiro professor: um diálogo com a formação pedagógica. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 60, n. 4, p. 456-459, 2007.

TARDIFF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

VASCONCELOS, Marilúcia Correia; AMORIN, Delza Cristina Guedes. **A docência no ensino superior: uma reflexão sobre a relação pedagógica**, 2008. Disponível em: <

http://www.facape.br/textos/2008_002A_Docencia_no_Ensino_Superior_uma_relexão.pdf.> Acesso em: 10 jun. 2011.

Sobre a autora:

Fabiana Meneghetti Dallacosta é graduada em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Maria (2002), Especialização em Terapia Intensiva (2004) e em Nefrologia (2009), Mestre em Saúde Coletiva (2008) e Doutora em Ciências da Saúde (2014). Trabalha na Universidade do Oeste de Santa Catarina, como professora do Curso de Graduação em Enfermagem e do Mestrado em Biociências e Saúde.

Recebido em: 13/12/2019

Aceito para publicação em: 20/02/2020